



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 49/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

MUDAR E PRESERVAR

Fui mais uma vez ao Fórum Social Mundial escutar os que querem mudar o mundo. Gosto de ouvi-los, eu também sempre tive este sonho renovador, e afinal vi o mundo mudar, embora só o percebendo depois: vi a mulher se emancipar e a democracia se consolidar definitivamente, vastas e profundas mudanças do mundo sócio-político, fora a televisão e o computador que vi chegarem. E mudanças, aquelas duas primeiras, nas quais os sonhadores tiveram um papel decisivo.

Desta feita em Belém, bela e afável cidade, com sua personalidade forte, sua cultura sedimentada em quatrocentos anos (desde o Forte do Presépio, construído para fechar o Rio-Mar), seu clima amazônico amenizado pela brisa, suas mangueiras generosas. Havia um simbolismo na escolha do local, o tema principal deveria ser a preservação e, mal ou bem, a Amazônia é a área ainda menos destruída do planeta. Claro que predominou a crise econômica como tema, depois comento isso.

Aproveitei a proximidade e fui a Santarém, na confluência do Tapajós com o Amazonas. Uma velha cidade portuguesa, com um fantástico movimento portuário, que embarca soja e madeira em grandes navios diretamente para o mundo. Dentro do município, num vilarejo chamado Alter do Chão (aonde se chega por uma estrada ladeada de castanheiros e palmeiras de açai), há maravilhosas praias de rio com a água límpida do Tapajós. Imperdível. E os mais belos cantos de sabiá que já escutei. É Brasil. Em Santarém, há um mirante de onde se vê o encontro do cinza azulado do Tapajós com o amarelo barrento do Amazonas; duas imensidades que dão ao observador a plena sensação de que o Brasil é uma potência da água!

E por quê é Brasil? O Grão-Pará era uma colônia diretamente ligada a Lisboa, como o Maranhão, sem nenhuma vinculação com o Rio de Janeiro; por quê, um ano depois do Ipiranga, em agosto de 23, como última província, ligou-se ao Rio e aderiu ao Príncipe do Brasil, então Imperador, abandonando o rei de Portugal? Conta a História que chegou a Belém um brigue comandado por um Tenente John Grenfell, com algumas dezenas de soldados, que mandou dizer aos chefes locais que estava para arribar a grande e devastadora armada do Almirante Cochrane, que havia obtido na marra a adesão do Maranhão, também diretamente ligado a Lisboa, e que era melhor para eles também aderirem logo. E eles, enganados, aderiram, para serem logo depois vitimados pela atrocidade deste Grenfell, que os jogou no porão de um navio, mandou atirar cal viva sobre eles e fechar a escotilha. Inimaginável. Feito por um oficial inglês, civilizado. Bem, mas o fato é que, meses antes, tinha havido duas revoltas populares sucessivas, a favor da adesão ao Brasil, sufocadas pela chefia local, fiel a Portugal, essa mesma massacrada pelo inglês. Então, havia um certo sentimento popular de brasilidade. Como? Francamente, não sei, mas penso que a figura principesca, do Defensor Perpétuo do Brasil, teve algum papel nisso e que, se a Independência tivesse sido republicana, seríamos hoje, como a América Espanhola, várias repúblicas comandadas pelas elites locais, uma ou duas das quais, amazônicas.

Com a adesão de Belém, fechamos toda a Amazônia portuguesa. É tudo Brasil, graças a Deus, uma potência da água! Extraordinário é que o hotel à beira do Tapajós exibisse advertências para economizar água e energia, e tivesse na pia uma torneira dessas que só vertem água quando pressionadas de cima. E que o motorista que nos conduzia se referisse aos abusos e ilegalidades na produção de soja e na exploração madeireira como coisas de “matogrossenses”, gente com mentalidade de gado que, segundo ele, não tinha amor à Floresta, e que vinha invadindo o Pará usando o Tapajós para escoar seu crime. Opinião dele.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 49/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

Bem, o Fórum. Descambou para a discussão sobre a crise, inevitavelmente. Assim mesmo, realizou, pela primeira vez, o Fórum Mundial da Ciência, reunindo cientistas, ambientalistas de todo o mundo e especialistas em recursos amazônicos, para discutir a pesquisa científica voltada para atender ao cidadão comum e não os interesses da tecnologia consumista. Um encontro meio ingênuo mas assim mesmo importante, de gente altamente respeitável e respeitada. A filosofia do Fórum sempre foi a de promover encontros para discutir, para arejar idéias, para deixar aflorar sugestões, sem a preocupação de adotar políticas. E sempre alguma semente frutifica submetida a esse arejamento.

Mas claro que a crise foi o tema predominante e o Fórum mais pareceu um Fórum da Vitória, com a presença de cinco Presidentes e uma voz resultante que dizia em alto som: Eu não disse que aquilo ia acabar mal? De fato, só que ainda não acabou, nem ninguém é capaz de prever e calcular quando vai acabar e quanto vai custar, porque a Economia, ao contrário do que ensinam os mestres liberais, não é uma ciência exata.

O Capitalismo, que encerrou o século passado todo triunfante, viu desmoronar sua catedral financeira, sua mais sofisticada e rendosa construção. Mas como mantém intocada sua hegemonia na mídia e, conseqüentemente, sua força política, tem meios de impor a solução que lhe convém: a sucção de bilhões e bilhões, talvez trilhões, de recursos públicos para cobrir os rombos financeiros e criar as condições para uma retomada do seu ciclo de acumulação até a próxima crise. Seus argumentos são efetivamente poderosos, já que a bancarrota em série causaria uma verdadeira catástrofe sobre toda a população.

Então, para evitar a catástrofe, que realmente pode ocorrer, todo mundo tem que concordar com o socorro aos bancos falidos. Mas aí é que está a bifurcação essencial: para continuar tudo no mesmo e recomeçar o ciclo ou para mudar o mundo e melhorá-lo. O Fórum é dos que afirmam que um outro mundo (melhor, evidentemente) é possível, e eu sou dos que crêem nisso. Então, esses recursos públicos (do povo) lançados para fechar os rombos, devem dar ao Público o controle desses bancos. O Financiamento da Produção pode e deve ser considerado um serviço público, de interesse público, controlado pelo Poder Público, podendo até ser dado em concessão aqui e ali, mas sob a regra imposta pelo Poder Público.

Eis a tese principal dos que querem mudar o mundo neste momento de crise. Não é novidade; em muitos países os bancos públicos já desempenharam um papel muito mais importante e positivo no passado. No Brasil, que seguramente será menos afetado pela crise, embora mais do que se vem dizendo, a principal ferramenta de defesa será, precisamente, o seu forte conjunto de bancos públicos, a partir do BNDES, reativado a partir de 2002, que uma vez mais será a grande alavanca da economia nacional.

Mudar o Mundo e preservar a sua Natureza foi o refrão maior do Fórum de Belém. Idéias e sementes foram arejadas, e o exemplo do Brasil foi considerado. Esperemos seus frutos, com confiança mas também com consciência de que não se pode permitir que tudo volte a ser o que era antes dessa crise.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br